



Fernando de Almeida

Fundão: 28 de novembro de 1903

Lisboa: 29 de janeiro de 1979

O Prof. Doutor Fernando de Almeida, de seu nome completo, Fernando António de Almeida e Silva Saldanha, era natural do concelho do Fundão, onde nasceu a 28 de Novembro de 1903, tendo falecido em Lisboa a 29 de Janeiro de 1979.

Não importa agora analisar a sua obra publicada no domínio da Medicina, em que se licenciou em 1927, na Faculdade de Medicina de Lisboa. Dos 46 trabalhos publicados, a partilha de alguns deles com Egas Moniz bastaria para aquilatar do seu mérito.

Com uma carreira médica bem sucedida, tanto na docência, como na área hospitalar e no exercício da medicina privada, optou por se matricular no curso de História da Universidade de Lisboa, que concluiu em 1954. A sua dissertação final, versou a cidade romana e visigótica da Egitânia, actual Idanha-a-Velha.

A qualidade do ensino que ministrou, sobretudo o entusiasmo que conseguia incutir naqueles que o ouviam ou acompanhavam no terreno, a par dos incentivos e condições que empenhada e de forma conseqüente, punha à disposição dos seus alunos, incluindo o acesso ao estudo dos portentosos espólios dos Museus que estavam à sua guarda (o Nacional de Arqueologia, o de Castelo Branco e o de Idanha-a-Velha) é, sem dúvida, a par da sua obra científica, a principal razão que importa valorizar, no quadro da formação de uma então jovem geração de arqueólogos em que esteve profundamente empenhado.

As escavações na Egitânia constituíram verdadeira escola prática de terreno, para muitos dos seus alunos da Faculdade de Letras, que assim tiveram oportunidade de participar na primeira grande intervenção de Arqueologia Urbana conduzida no País, bem como as que efectuou em São Miguel de Odrinhas, Sintra, local onde, a par da Egitânia, se encontrava o mais notável lapidário romano existente em Portugal, logo seguidas das dirigidas em Miróbriga; juntas constituem três pedras angulares da sua actividade arqueológica; enfim a sua tese de doutoramento, apresentada em 1962 à Faculdade de Letras de Lisboa, foi o resultado de vários anos de trabalho por todo o País, na busca incessante de pedras e

monumentos de época visigótica que aguardavam quem os soubesse ler ou reconhecer; assim se colmatou uma das maiores lacunas da nossa arqueologia, granjeando-lhe no país vizinho, numerosos amigos.

Pouco depois, com o seu antigo aluno Eduíno Borges Garcia, publicou outra pérola do nosso património alto-medieval, o precioso templo de São Gião, no concelho de Nazaré.

A última fase das suas actividades de campo é dominada pelo retorno a uma das mais emblemáticas cidades industriais e portuárias do mundo romano, Tróia, onde, ao longo da década de 1960 e inícios da seguinte, realizou extensas escavações, uma vez mais com o concurso de antigos alunos da Faculdade de Letras.

Em 1967, logo que tomou posse do cargo de Director do Museu Nacional de Arqueologia, iniciou uma nova série do prestigiado periódico “O Arqueólogo Português”, fundado por José Leite de Vasconcelos, a que deu vida nova, saindo, pontualmente, até 1972 – ano da sua jubilação – seis volumes.

O seu espírito prático haveria ainda, antes de morrer, de acarinhar um outro desígnio, de importância nacional: a Carta Arqueológica de Portugal. Sob sua orientação, e a pedido da então Direcção-Geral do Planeamento Urbanístico, com ele trabalharam diversos arqueólogos que, com base na bibliografia arqueológica disponível, lançaram nas mais de quinhentas folhas que constituem a Carta Militar de Portugal à escala de 1/25 000, as estações arqueológicas ou simples achados avulsos que foi possível localizar no terreno. Esforço notável, que, só muito mais tarde, teve a continuidade que se impunha.

Amavelmente elaborada e cedida pelo Professor Doutor João Luís Cardoso